

Projeto Peteca - Programa de Valorização Cultural

ROSSI, Iara - Fundação ITESP - <irossi@itesp.sp.gov.br>
NEGRÃO, Marta Organo - Fundação ITESP - <marta@itesp.sp.gov.br>
PAES, Gabriela Segarra Martins - Fundação ITESP - <Gabriela@itesp.sp.gov.br>
OLIVEIRA, Tiago Marques - Fundação ITESP - <tmoliveira@itesp.sp.gov.br>
LEONARDO, Ana Eliza Baccarin - Fundação ITESP - <aleonardo@itesp.sp.gov.br>

RESUMO

O Projeto Peteca foi elaborado e executado pela Fundação Itesp em conjunto com a direção e corpo docente da Escola Estadual Maria Antonia Chules Princesa, única escola quilombola do Estado de São Paulo. Pretendia-se construir com as crianças e adolescentes o reconhecimento da sua identidade étnica, trabalhando sua auto-estima e a valorização de sua origem, da cultura de sua comunidade e do meio ambiente. Provocando diálogos e percepções do seu cotidiano. De março a novembro de 2007 foram realizadas 48 atividades com 213 crianças e 125 adolescentes, alunos da 1ª a 8ª séries do ensino fundamental e 1º e 2º colegial. Tais atividades despertaram nas crianças e adolescentes o interesse pelos aspectos históricos, pelos costumes da comunidade e pelas questões ambientais, possibilitadas por uma metodologia que valorizou o lúdico, as expressões artísticas e culturais (desenhos, dança, música, poesia e fotografia) e a da interação com os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo, expressão, linguagem, cultura, tradição, criança e adolescente, educação ambiental e valorização.

ABSTRACT

The Project Peteca was prepared and executed by the Foundation ITESP together with the direction and faculty of the State School Maria Antonia Chules Princesa, the only school fugitive Negro slave of the State of Sao Paulo. There was intending to build with the children and adolescents the recognition of his ethnic identity, working his auto-esteem and the increase in value of his origin, of the culture of his community and of the environment. Provoking dialogs and perceptions of his daily life. Of March the November of 2007 48 activities were carried out with 213 children and 125 adolescents, pupils of the 1st one 8th series of the basic teaching and 1st and 2nd schoolboy. Such activities woke in the children and adolescents the interest for the historical aspects, for the customs of the community and for the environmental questions made possible by a methodology that valued the playful thing, the artistic and cultural expressions (drawings, dance, music, poetry and photography) and that of the interaction with the pupils.

KEYWORDS: DIALOGUE, EXPRESSION, CULTURE, TRADITION, CHILDREN AND ADOLESCENTS, ENVIRONMENTAL EDUCATION, VALORIZATION.

CONSIDERAÇÕES

A Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo “José Gomes da Silva”, órgão estadual responsável pela execução da política agrária e fundiária no Estado de São Paulo, desenvolve atividades junto à população quilombola desde 1997. A maior concentração de comunidades está na região sul do Estado, conhecida como Vale do Ribeira, onde 16 comunidades (cerca de 868 famílias) foram reconhecidas oficialmente e 5 tituladas. Tal região ainda concentra uma extensão considerável de Mata Atlântica, com rígidas leis de proteção ambiental, dificuldade de acesso tanto geográfico quanto de informações, bem como na obtenção de bens e serviços sociais, como educação, direitos previdenciários e saúde.

Na elaboração e execução deste projeto de extensão rural consideramos os conceitos de comunidades quilombolas e de extensão rural/comunicação como norteadoras. Assim, acreditamos ser importante pontuar algumas de nossas reflexões. Segundo Joel Rufino dos Santos, o termo comunidade quilombola remete à *“toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado”*. A partir de tal definição, destacamos dois pontos de relevância, que dialogam entre si e forma uma das bases conceituais do projeto, a questão da territorialidade e da identidade étnica. Entendendo a territorialidade como um fator fundamental para a construção da própria identidade do grupo.

A trajetória de vida dessas comunidades quilombolas, considerando a adaptabilidade ao meio circundante e às formas de ocupação e de uso dos espaços, as oportunidades econômicas e de subsistência, os hábitos e costumes baseados nos laços de parentesco e vizinhança, caracterizam um grupo étnico específico. Quando pensamos em grupo étnico, devemos considerar a memória coletiva (experiências partilhadas), a origem e cultura comuns, a rede de relações sociais e não necessariamente consangüínea e o sentimento de pertencer (pertencimento) a uma rede de parentes e a um território. Ressaltando que a memória coletiva é revivificada pela narrativa oral e pelas festas religiosas.

Outro ponto fundamental é que a Fundação Itesp, desde 2000, vem discutindo a construção de uma ATER (assistência técnica e extensão rural) baseada no diálogo, nas relações democráticas, na participação e na sustentabilidade, na qual o técnico é um facilitador, um educador. Diante da complexidade de conceitos a considerar dentro de tal discussão, destacamos um ponto que nos faz refletir e incide diretamente no

propósito deste projeto. Quando falamos em diálogo, devemos considerar que tais comunidades estão inseridas e, portanto, condicionadas, em uma estrutura social rígida e vertical, que vem construindo historicamente uma consciência oprimida, sem experiência dialógica e de participação, e em grande parte resulta na insegurança em si mesmos. Segundo Paulo Freire, é natural, então, que tais pessoas apresentem uma atitude desconfiada diante de quem quer dialogar com eles. Durante a execução do projeto observamos tais posturas principalmente com relação aos jovens. Também, devemos registrar que a maioria dos professores e alguns técnicos ainda reproduzem um ensino unilateral.

CONTEXTO

Durante a realização de atividades nas Comunidades Remanescentes de Quilombos, por diversas vezes, principalmente os “mais velhos” mencionaram a não continuidade das tradições e o seu esquecimento pelos jovens e crianças. Lembram de danças, do mutirão, dos bailes e das histórias que os pais contavam.

A cultura quilombola destas comunidades apresenta características próprias e semelhantes a outros grupos tradicionais da região do Vale do Ribeira. Essa cultura é conhecida como “caipira”, centradas no catolicismo popular, cujas principais manifestações são: Recomendação das Almas, folias, dança de São Gonçalo, dança de Fandangos, entre outros. Na dissertação de mestrado da funcionária Gabriela Paes sobre “A Recomendação das Almas na Comunidade Remanescente de Quilombos de Pedro Cubas”, podemos observar as semelhanças do mesmo rito na África-centro-ocidental e como no Brasil foi incorporada e recriada na região e pelas comunidades quilombolas. Uma mistura de elementos africanos, europeus e indígenas. Também, observamos como as transformações do século XX, quando políticas públicas, como as leis de preservação ambiental, as estradas, a cultura da banana, as colônias de estrangeiros e a criação de escolas rurais, foram implantadas na região juntamente com a chegada da eletricidade, do rádio e da televisão. Com uma conseqüente interferência nos hábitos e crenças dessas comunidades, abalando seu modo de vida de tal forma que levou a uma transformação da tradição. Muitas pessoas dessas comunidades acreditam que a causa dessa transformação foi “por que os antigos foram se acabando”, desconhecendo todo o processo histórico de interferência que faz com que os laços que os uniam fossem resignificados. As antigas tradições estavam diretamente relacionadas à necessidade de

ajuda nos plantios das roças, quando aconteciam os mutirões, e estavam vinculadas às práticas religiosas que reforçavam os laços de solidariedade entre vizinhos autônomos. Assim, como essas práticas não faziam mais sentido no mundo que surgiu desde meados do século XX, não tinha por que mantê-las. Com a ameaça das barragens houve a necessidade de se juntar em associações para garantir as terras como patrimônio cultural e desde então, tentam lembrar e valorizar essas tradições. Pedro Cubas, por vários motivos apontados em tal dissertação de mestrado, não perdeu a tradição da Recomendação das Almas, que é realizada todos os anos, mas, na maioria das comunidades algumas tradições continuam apenas nos “causos” contados pelos “mais velhos”.

A Escola Estadual Maria Chules Princesa foi inaugurada há poucos anos e sua proposta é oferecer uma educação que valorize a história e a cultura dos quilombolas e atende, unicamente, as comunidades de Nhunguara, São Pedro, Galvão, Sapatú, Ivaporunduva e André Lopes no ensino fundamental (1ª a 8ª séries) e ensino médio. As crianças de 1ª a 4ª séries são atendidas nas comunidades em escolas vinculadas. A direção da escola propôs uma parceria com Fundação Itesp para promover atividades extra-curriculares que valorizassem a cultura quilombola. Assim, surgiu, após reuniões com os professores da Chules e das escolas vinculadas, o Projeto Peteca, cujo nome remete ao brinquedo preferido pelos “mais velhos” quando eram crianças.

Revificar as tradições culturais quilombolas desde a infância ajudará as futuras gerações a compreenderem sua identidade étnica e a aprenderem a dialogar com suas especificidades e com as relações sociais nas quais estão inseridas, mantendo suas fronteiras enquanto grupo étnico. Isso só será possível por meio da comunicação, aqui entendido não somente como formas ou meios, mas no seu sentido mais amplo de significação e entendimento entre os envolvidos no projeto.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Objetivo Geral

Construir com as crianças e adolescentes o reconhecimento da sua identidade étnica, trabalhando sua auto-estima e a valorização de sua origem e da cultura de sua comunidade.

Objetivos Específicos

- . Proporcionar a comunicação entre faixas etárias diferentes na comunidade e entre educadores e educandos para a construção de relações transformadoras.
- . Valorização da família.
- . Proporcionar momentos que elevem a auto-estima.
- . Proporcionar espaços de expressão cultural e da realidade pelas crianças e adolescentes.
- . Valorização do conhecimento dos “mais velhos”.
- . Auxiliar na integração cultura e educação.

Metodologia

A metodologia utilizada em todas as atividades é da educação popular, que configura-se num método vivencial – reflexivo que articula a teoria com a experiência concreta dos sujeitos - o pensar, sentir e agir -, possibilitando a elaboração, coletiva e articulada, de novos conhecimentos.

As dinâmicas vêm sendo aplicadas com o objetivo de facilitar o processo de incorporação do conteúdo exposto e a obtenção dos objetivos propostos, explorando o potencial lúdico do grupo, para que a aprendizagem seja conseqüência de um conhecimento que foi internalizado, apreendido.

Nesse processo de aprendizagem, tanto o conhecimento quanto a metodologia são apropriados por seus integrantes para que possam sair instrumentalizados de maneira crítica e criativa, para uma ação multiplicadora. Considerando que tal ação educativa é um processo que não se inicia e nem se encerra em uma atividade específica.

Portanto, é uma metodologia participativa que não se resume à presença de indivíduos nas atividades do projeto, mas num esforço organizado de pessoas que buscam trabalhar o seu fortalecimento através do compartilhamento do poder e saber. Destacando em todas as fases que todos os envolvidos têm saberes com valor para compor conhecimento, sem hierarquizar os saberes. Cada um tem o seu papel. Assim, o processo de facilitar uma construção de conhecimento tem implicado em valorizar e articular esses diferentes saberes, estabelecendo um processo de troca e sinergia entre teoria e prática. Partindo do conhecimento da realidade quilombola, analisando e compreendendo o contexto em que se inserem para poder sugerir propostas que envolvam participação e capacitação. Ressaltando que a participação é uma conquista e um exercício de cidadania, cujas diretrizes devem ser observadas e tratadas como

orientadoras da ação, para que o papel dos envolvidos não seja apenas o de executar, mas sim de refletir, opinar e decidir: VER, JULGAR E AGIR.

O conhecimento é construído através do processo de aprendizagem que exige um ponto de partida conhecido, para tanto buscamos sempre visualizá-lo, enfatizando a exposição da realidade deles, por eles mesmos. Para tanto, tem havido diálogos, onde são respeitados tanto os saberes teóricos como aqueles gerados pela experiência e vivência dos participantes. Buscando nas oficinas, palestras e confraternizações uma relação de troca entre realidades diferentes, num processo de ação-reflexão em que tanto o facilitador como os participantes se situam, ao mesmo tempo, como educadores e educandos, ou seja, aprende-se em reciprocidade. Assim, os facilitadores têm por função propiciar condições favoráveis à dinâmica de aprendizagem, sendo animador, incentivador e orientador.

Ao realizar oficinas, pensamos em um espaço onde se cria, a partir de conhecimentos e aptidões diferentes que se complementam e o uso de ferramentas e instrumentos (as dinâmicas, as narrativas orais, expressões escritas, as apresentações culturais, a fotografia, o áudio-visual e o lúdico), algo que vai beneficiar ou melhorar a qualidade de vida de indivíduos ou grupos. Onde os participantes pudessem se identificar e relacionar o seu passado e o seu presente.

Atividades Realizadas

Etapa 1 – Crianças

Período: de 20/03 a 15/06/2007

Público: 213 crianças e 11 professores, 6 técnicos e 2 estagiários, sendo que na maioria das escolas a sala tem alunos de 1ª a 4ª séries (multiseriada), com exceção da 5ª série que é composta por crianças das seis comunidades.

Local: Escolas e Centros Comunitários das Comunidades Quilombolas de Ivaporunduva, Nhunguara, São Pedro, Galvão e Sapatu e na Escola Estadual Maria Antonia Chules Princesa, município de Eldorado, São Paulo.

Esta etapa do projeto foi composta por 7 (sete) atividades interligadas, para melhor compreensão da proposta. Num primeiro momento, foi elaborado um questionário que as crianças levaram para responder em casa sobre aspectos da cultura quilombola. Despertadas para a questão, foi realizado o “Dia dos Avós”. Dois avôs e duas avós foram convidados a vir à escola para contar histórias.

A seguir foi realizada a atividade “Caça ao Tesouro”. Nesta atividade, o aluno foi levado a redescobrir a sua história e cultura e a entender que esse é o seu grande tesouro. Os alunos formaram grupos para percorrer as “pistas” retiradas de um baú, que correspondem à execução de tarefas, que sempre apontaram para aspectos da história ou costumes da comunidade e do meio ambiente que as comunidades estão inseridas, de forma cooperativa.

A Oficina de Encerramento finalizou as atividades de valorização cultural, amarrando todos os temas trabalhados.

- Questionário

O questionário, com perguntas abertas, abordou as festas, danças, artesanato, lendas, os conhecimentos dos “mais velhos”, a interferência da televisão, o significado do nome da comunidade e o meio ambiente da época dos avós. Os dados foram sistematizados e devolvidos para as professoras, que puderam trabalhar as respostas em sala de aula, utilizando painéis. Tais dados também subsidiaram a elaboração das atividades seguintes.

- Dia dos Avós

As pessoas convidadas, indicadas pelas crianças, a contar histórias e lendas eram da mesma comunidade delas. Em uma roda de conversação livre, como usualmente acontece e/ou acontecia nas comunidades. Essas conversas foram filmadas.

– “Caça ao tesouro”

Organizados em grupos, cumpriram as tarefas propostas em quatro fases/pistas, identificadas por cores e fotos.

A primeira pista implicava no levantamento das cinco pessoas mais velhas da comunidade e os brinquedos que eles gostavam de fazer e brincar, e em trazer um desses brinquedos. Na segunda pista as crianças desenharam uma história ou lenda contada no Dia dos Avós. Na terceira, eles trouxeram um recipiente com água de um córrego, rio ou nascente da comunidade, um produto da roça e uma erva usada como remédio, que foram relacionados com as tradições culturais e a comemoração da Semana do Meio Ambiente. Também pintaram, em um pedaço de tecido, as suas percepções sobre a cultura tradicional de sua comunidade, resultando em uma bandeira,

como um símbolo a ser exposto na escola. Para cumprir a tarefa da última pista, a classe toda precisou se unir e tinham como missão preparar uma apresentação cultural.

Vale destacar com maior detalhamento, a terceira fase, durante a qual realizamos uma oficina onde o diálogo serviu para a construção de uma percepção de como o quilombo sempre viveu junto com a natureza e de como a sua cultura e a tradição permitiram que as matas ainda estivessem preservadas, uma forma recíproca de resistência e subsistência.

Diante da planta/remédio apresentada, foram feitos os seguintes questionamentos: Quais são as plantas que vocês trouxeram? Quem já tomou remédio do mato? Para quê?

As crianças, no geral responderam que quando estão com dor de barriga, gripe e “bicha”, a mãe ou a avó sabem qual planta serve como remédio e de tanto ouvi-las falar eles já tinham assimilado muitos delas, percebemos que isso já estava incorporado por eles. Quando perguntamos de onde vinha esse conhecimento, respondiam que a mãe aprendeu com a avó, que aprendeu com a bisavó. Perguntamos, também, de onde vinha esse remédio, responderam que alguns tinham no quintal outros na mata. Chegamos ao entendimento que precisamos cuidar das plantas para que as plantas cuidem da gente também.

Com relação à água, a conversa foi orientada pelas seguintes questões: A água é importante? Por quê? Para que a gente usa água? Esta água tem que ser limpa? E para a água estar limpa, para ela vir limpinha lá do morro, lá do alto, como é que a gente tem que fazer? Como cuidar da água? É bom jogar lixo e esgoto nela?

Perguntamos se a água que eles trouxeram dava para beber, alguns disseram que sim, que vinha das nascentes limpas, outros disseram que não, que tinham pego em rios ou lagos próximos das casas e não era limpa. Conversamos sobre o que temos que fazer para cuidar da água, qual a importância da mata e da mata ciliar, sobre erosão, enchente e assoreamento dos rios (situações vistas no seu cotidiano). Concluímos, em conjunto, que cuidar da água é importante, bem como a presença da mata para garantir esse cuidar, também se comprometeram em cuidar da água.

A maioria dos alunos levou mandioca, feijão e arroz como produto da roça. Perguntamos se eles sabiam como os adultos faziam as roças. Falamos das roças de subsistência, que tradicionalmente são conhecidas como roças de coivara, que utilizam o fogo e o rodízio de áreas de plantio. Algumas perguntas e respostas nos levaram a concluir que há necessidade da mata para plantar e que desde o tempo dos avós o quilombo sempre plantou e sempre viveu junto com ela.

– Oficina de Encerramento

Os alunos apresentaram dança tradicional, como a Dança da Mão Esquerda, música e poesia, com o envolvimento de pais e professores. Foi exibida a filmagem do “Dia dos Avós” e feita uma exposição com todo o material produzido durante o projeto (questionários, pistas das oficinas e bandeira). Foi servido um café com comidas tradicionais, como paçoca, bolo de fubá e bolo de roda.

Etapa 2 – Adolescentes

Período: de 16/10 a 30/11/2007

Público: 125 jovens, 3 professores, 5 técnicos e 1 estagiário; de 6ª série ao 2º colegial das Comunidades Quilombolas de Ivaporunduva, Nhunguara, São Pedro, Galvão, André Lopes e Sapatu.

Local: Escola Estadual Maria Antonia Chules Princesa, município de Eldorado, São Paulo.

Conhecendo uns aos outros – Visita às comunidades

Representantes da associação receberam os visitantes e fizeram uma exposição sobre a realidade da comunidade em seus diversos aspectos: social, educação, saúde, econômico, histórico e cultural. Alguns alunos prepararam um roteiro de perguntas ou de temas para estarem investigando durante a visitação. Sugerimos aos professores que após a visitação, os alunos poderiam preparar um painel com textos, desenhos e poesias (estimulando a criatividade dos alunos) para exporem na escola o que aprenderam. Mas, isso não ocorreu.

Conhecendo a nós mesmos – caminhada fotográfica

Os alunos de uma comunidade, independente da série, no período de aula, realizaram uma caminhada com o objetivo de registrar o que representava a sua comunidade, por meio da fotografia. Foram divididos em três grupos, cada qual com uma máquina fotográfica digital, podendo tirar quantas fotos fossem necessárias. Após a caminhada, o grupo escolheu 5 fotos para serem reveladas, sendo, no total, 15 que descreveriam a comunidade. Não houve interferência de técnicos e professores.

Construindo nosso mapa

Os alunos montaram um grande mapa de suas comunidades, utilizando as fotos tiradas (reveladas) na atividade anterior e os conhecimentos construídos durante o projeto. Além das fotos, os alunos colocaram no mapa desenhos, pequenos textos e colagens.

RESULTADOS

O projeto trabalhou com 213 crianças e 125 adolescentes, sendo realizadas 48 atividades. Um desafio para um corpo técnico pequeno, que ainda realiza várias atividades em outras áreas e em outras comunidades. Contornamos outros desafios, como envolver o professor em metodologias de trabalho diferenciadas do seu cotidiano e criar maneiras de envolver crianças e adolescentes em numa discussão sobre algo comum para eles. Assim, a estratégia de trabalhar com o lúdico infantil e com a facilidade de envolvimento que a fotografia causa nos jovens foi o que nos levou a atingir os objetivos do projeto.

Os técnicos do ITESP, direção e professores da Escola Chules se mostraram satisfeitos com o trabalho. Os professores relataram o entusiasmo com que os alunos participaram do projeto e a repercussão positiva que foi para os pais, mães e comunidade.

Não foi objeto deste trabalho a análise de tais fotografias, mas percebemos a valorização, pela maioria, da natureza abundante da região (mata, cachoeira, rios, árvores centenárias), pelo novo (fábrica de doce de banana e pousada), por traços culturais (antiga moenda para fazer farinha de mandioca e igreja do século XVII) e de si mesmos. Algumas fotos nos causaram surpresa pela leitura poética do ambiente.

Como produtos do projeto tem-se a sistematização dos questionários apresentada em painéis (preparados pelas professoras e professores), os desenhos das histórias e lendas, as bandeiras, o vídeo com as histórias contadas pelos Avós, 340 fotografias produzidas pelos jovens e seis mapas da comunidade.

POTENCIALIDADES E LIMITES

Um dos principais potenciais é a receptividade da Escola Chules para o trabalho em conjunto com o ITESP e a abertura por parte das crianças, dos adolescentes e da comunidade, uma vez que há mais de sete anos estamos presentes com outras atividades, garantindo uma confiabilidade maior e proporcionando a continuação do projeto em 2008.

As maiores dificuldades encontradas foram a distribuição das equipes de trabalho e a

ausência de equipamentos apropriados para registro das atividades (filmadora, leitor de CD, memória de câmera fotográfica), gerando produtos de baixa qualidade técnica.

AUTORES E COLABORADORES

Autores pela Fundação Itesp: Ana Eliza Baccarin Leonardo -Analista de Desenvolvimento Agrário, Gabriela Segarra Martins Paes - Analista de Desenvolvimento Agrário, Iara Rossi – Analista de Gestão Organizacional, Marta Organo Negrão - Analista de Desenvolvimento Agrário e Tiago Marques de Oliveira – Analista de Desenvolvimento Agrário

Autores pela Escola Estadual M. A Chules Princesa: Luiza de Alcantara Sátiro, Maria da Graça Pereira Balbino, Maria Tereza de Paula Pontes, Marilucia Aparecida dos Santos, Ronaldo de Oliveira da Conceição (professores) e Rosely Dias da Silva (vice-diretora).

Colaboradores pela Fundação Itesp: Vagner da Cruz Martins – Técnico em Gestão Organizacional, Juliana Dias dos Santos – Estagiária GTC Eldorado – Desenvolvimento, Celiane de Lima Formes – Estagiaria GTC-Formação-Pariquera-Açu, Elizete de Oliveira – Auxiliar Administrativo.

Colaboradores pela Escola Estadual M. A Chules Princesa: Conceição Diva de Oliveira Ferreira, João Roberto Mâncio, Josmara Benedita da Silva Araújo, Lorimal Silva Pontes Giani, Pedro Francisco de Azevedo e Rita das Graças de Oliveira Torres (professores).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAES, Gabriela Segarra Martins. A “Recomendação das Almas” na Comunidade Remanescente de Quilombo de Pedro Cubas. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado). FFLCH-USP.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.

CANTANHEDE FILHO, Aniceto et al. A Pesquisa Antropológica nos quilombos: uma experiência in Inkra e os desafios para a regularização dos territórios quilombolas. Brasília, MDA/Inkra, 2006.

PEREIRA, Carlos Alberto Claro et al (editores). Negros do Ribeira: reconhecimento étnico e conquista do território. São Paulo, Itesp; Páginas & Letras – Editora Gráfica, 2000. (Cadernos do Itesp 3; 2 ed.).

MEDEIROS, Carlos Fernando da Rocha et al (editores). Cultivando sonhos: caminhos para a assistência técnica na reforma agrária. São Paulo, Itesp; Páginas & Letras – Editora Gráfica, 2000. (Cadernos do Itesp 7; 2 ed.).

RUAS, Elma Dias et al. Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável – MEXPAR. Belo Horizonte, EMATER-MG, 2006.

BRANDÃO, C.R. O que é método Paulo Freire. São Paulo, Brasiliense, 2003.

Freire. P. Educação “bancária” e educação libertadora. In: Patto, M.H.S. Introdução à psicologia escolar. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.